



## CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Gabinete da Vereadora Beatriz Gomes Dias  
Bloco de Esquerda

### **Voto de repúdio n.º .../2023**

#### **Contra a glorificação do passado colonial**

A 4 de Fevereiro de 1961, em Angola, um grupo de mulheres e homens combatentes pela liberdade insurgiram-se contra os abusos e as violências que o governo colonial português praticava contra os povos africanos nos territórios ocupados. Esta mobilização viria a ser apontada como o início da luta armada pela independência dos territórios africanos ocupados por Portugal.

No mesmo ano, 20 anos após a abertura do Jardim da Praça do Império, foram aí colocados brasões florais que, além das capitais de distrito, incluíam os territórios africanos e asiáticos ocupados por Portugal. A Praça do Império foi concebida em 1940, por ocasião da “Exposição do Mundo Português”, para exaltar os feitos do colonialismo português e do seu pretense projeto civilizador.

A colocação dos brasões florais foi realizada em contraciclo face ao contexto político internacional de então, numa altura em que vários países africanos e asiáticos haviam já conquistado a independência e muitos outros em breve lhes seguiriam os passos.

No passado dia 14 de fevereiro, a cidade de Lisboa renovou os seus votos de louvor e fidelidade ao passado colonial em contraciclo com a História, ao insistir na reposição dos brasões no jardim da Praça do Império, desta vez sob a forma de calçada, gravando assim na pedra a nostalgia colonial que ainda afeta fortemente a sociedade portuguesa.

Esta reinscrição da memória colonial reifica os mitos da colonização, quer enquanto missão civilizadora que desbravou mundos para levar a fé e as luzes, quer como um projeto lusotropicalista de brandura e irmandade. É mais um episódio que denota a falta de releitura crítica da História portuguesa.



## CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Gabinete da Vereadora Beatriz Gomes Dias  
Bloco de Esquerda

Ao longo dos anos, vários países europeus abriram um debate amplo sobre a sua história colonial e têm vindo a refletir acerca das consequências da ocupação colonial, que perduram até hoje nos territórios que ocuparam e no seu próprio, e em formas de reparação. Há países que pediram desculpas aos povos que oprimiram e cujos territórios e bens usurparam, bem como países que equacionam, ou já devolveram, os objetos saqueados durante o período colonial.

A inauguração, em 2023, da versão calcetada dos brasões dos territórios ocupados por Portugal constitui uma glorificação anacrónica da violência e opressão do passado colonial de Portugal, que ainda hoje mantém feridas abertas na memória coletiva. Esta forma acrítica, extemporânea e inaceitável de retratar os eventos históricos ignora os valores da liberdade e da autodeterminação dos povos que lutaram de forma incansável pela independência que conquistaram.

Uma sociedade que tem como projeto a manutenção e a cristalização da violência, da exploração e da dominação coloniais no espaço público não assume um compromisso sério com todas as pessoas que nela vivem nem com os países com os quais apregoa possuir uma irmandade.

**Assim, perante o exposto e ao abrigo do disposto no artigo 8.º, do Regimento, temos a honra de propor que a Câmara Municipal de Lisboa delibere:**

1. Repudiar a permanência dos brasões coloniais dos territórios ocupados por Portugal no jardim da “Praça do Império”.
2. Iniciar um processo de descolonização da memória histórica presente no local e em toda a cidade de Lisboa.



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Gabinete da Vereadora Beatriz Gomes Dias  
Bloco de Esquerda

Lisboa, 22 de fevereiro de 2023.

A Vereadora

Beatriz Gomes Dias